

Trabalhos Científicos

Título: Análise Do Perfil Epidemiológico De Casos De Sífilis Congênita No Brasil Segundo Evolução Clínica E Realização De Pré-Natal (2020–2024)

Autores: SOFIA DE PINHO PASSOS (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC), GLEISE APARECIDA MORAES COSTA (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC), SIMONE HOLZER DE MORAES (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC)

Resumo: Introdução: A sífilis congênita permanece como um relevante problema de saúde pública no Brasil, refletindo falhas tanto no rastreamento da sífilis materna quanto na efetividade do tratamento durante o pré-natal. Apesar da alta cobertura de consultas pré-natais no país, a ocorrência de desfechos negativos — como óbitos fetais e neonatais — evidencia desafios na qualidade da assistência prestada. A transmissão ocorre principalmente por via transplacentária durante a gestação, podendo também acontecer no momento do parto. Entre as manifestações clínicas, destacam-se hepatomegalia, esplenomegalia, lesões cutâneas, rinite sífilítica, anemia, icterícia e alterações ósseas, embora alguns recém-nascidos possam ser assintomáticos ao nascimento (WHO, 2017). A análise da evolução clínica dos casos segundo a realização de pré-natal fornece subsídios para avaliar lacunas no cuidado e direcionar políticas públicas.
Objetivos: Avaliar a evolução clínica de casos confirmados de sífilis congênita no Brasil, entre 2020 e 2024, segundo a realização de pré-natal.
Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e quantitativo, baseado em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), acessados por meio da plataforma TabNet do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram incluídos casos confirmados de sífilis congênita registrados entre 2020 e 2024, analisando-se as variáveis: realização de pré-natal (sim/não) e evolução do caso (vivo, óbito pelo agravo notificado, óbito por outra causa). Casos classificados como “Ign/Branco” foram excluídos da análise principal.
Resultados: No período analisado, foram registrados 106.776 casos de sífilis congênita. Destes, 100.484 (94,1%) evoluíram com sobrevivência, enquanto 1.404 (1,3%) evoluíram para óbito pelo agravo notificado e 838 (0,8%) por outras causas. Entre os 94.236 casos em que houve registro de pré-natal, 85.771 (91,0%) sobreviveram, mas ainda assim 103 (0,1%) foram a óbito pelo agravo e 361 (0,4%) por outras causas. Já nos 11.846 casos sem pré-natal, a situação foi mais grave: 10.181 (85,9%) sobreviveram, mas 382 (3,2%) evoluíram para óbito pelo agravo e 199 (1,7%) por outras causas. Esses números mostram uma proporção quase 25 vezes maior de óbitos relacionados ao agravo entre os recém-nascidos de mães que não realizaram pré-natal (3,2%) em comparação às que realizaram (0,1%).
Conclusão: A análise evidencia que a ausência de pré-natal está fortemente associada a piores desfechos na sífilis congênita, com aumento expressivo da letalidade específica. Esses achados reforçam a necessidade de melhorar a qualidade da assistência pré-natal, sobretudo em populações vulneráveis, visando reduzir a mortalidade por sífilis congênita no Brasil.